

## A PRESENÇA DO NEGRO NA LITERATURA DE CORDEL

Ms. João Evangelista do Nascimento Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, discute-se a presença do negro no cordel brasileiro a fim de questionar o caráter discriminatório em que este aparece. Com o intuito de apresentar estereótipos negativos introjetados pela sociedade no âmbito da cultura popular, textos de cordéis vêm à baila para desmascarar uma sociedade que aproxima o negro e o afrodescendente à figura do Diabo, como forma de desmerecer a cultura africana e afro-brasileira. O catolicismo popular, forte influência no sertão nordestino, encontra-se impregnado de construções em que o personagem de etnia negra aparece enquanto elemento desqualificado. Dessa forma, ao associar os negros ao Diabo, tem-se a ideia de maldição e perversão como elementos intrínsecos a estes. De cunho bibliográfico, essa pesquisa utiliza-se de teóricos como Eco (2007), Nogueira (1986), Pontes (1979), Sodré (1988), Souza Jr. (2003), dentre outros.

**Palavras-chave:** Religiosidade, Cultura Popular, Cordel, Preconceito.

No século XV, Portugal é o primeiro país da Europa a utilizar o trabalho escravo negro, sendo seguido por Holanda, Inglaterra, Espanha e França. Tais países possuíam grande influência cristã e, em alguns casos, estavam passando pela Reforma Protestante, uma revisão da ética religiosa cristã vigente na época.

Portugal, então, em mais de trezentos anos de sistema escravocrata, fez desembarcar no Brasil cerca de vinte milhões de escravos, sem contar no tão grande número de negros mortos nos tumbeiros durante a diáspora. A escravidão ganha legitimidade político-econômico-religiosa, pois era de suma importância desenvolver a cultura açucareira, manter um governo forte e salvar a alma daquelas *criaturas inferiores e miseráveis*.

O Cristianismo difundiu a ideologia que pregar o evangelho era proporcionar ao negro a aquisição de uma alma e, por conseguinte, aumentar seu número de fiéis. Para tal, optava por esquivar-se de ver as atrocidades cometidas aos escravos e emitir juízo sobre estas. Como fora a tentativa de Jorge Benci apud SILVA (1992, p. 56-57), um jesuíta do século XVII, quando de sua tentativa de justificar o uso dos açoites como punição e tortura aos escravos:

---

<sup>1</sup> Professor da área de Literatura da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Doutorando em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: netoangelista@uol.com.br.



Suposto pois que o castigo deva ser moderado pela razão e não governado pela paixão: pergunto eu agora aos senhores do Brasil se é castigo racional queimar ou atanzar (que tão ímpio e cruel é este gênero de castigo) com laço aos servos; cortar-lhes as orelhas ou os narizes: marcá-los nos peitos e ainda na cara: abrasar-lhes os beijos e a boca com tições ardentes? Deixo outros castigos ainda mais inumanos que os ciúmes do senhor ou da senhora fazem executar nos escravos ou nas escravas, porque são tão indignos de virem à pena (...) Haja açoites, haja correntes e grilhões, tudo a seu tempo e com regra e moderação de vida e vereis como em breve tempo fica domada a rebeldia dos servos (escravos); porque as prisões e açoites, mais que qualquer outro gênero de castigo, lhes abatem o orgulho e quebram os brios.

Observa-se, no discurso do clérigo, a posição adotada pela Igreja, aliada ao poder, a qual condenava apenas os *excessos* dos castigos, mas estes eram plenamente justificados quando moderados. Dessa forma, as punições além de serem necessárias também o eram eficazes para desmotivar a insubordinação escrava. Em nome da fé, para alcançar os fins, os meios por si só eram justificados. Esta justificação proferida com palavras da Bíblia e do próprio Cristo: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. (Mt. 12:17 a)

Mais do que se referir ao pagamento de impostos, o texto bíblico explicita a separação entre Estado e Igreja. Assim, cabia à religião a catequese dos gentios e ao Estado o bem-estar da sociedade. A instituição religiosa, portanto, eximia-se da preocupação social. Logo, a invocação de Castro Alves: “*Senhor Deus dos desgraçados*”, manteria seu propósito ao referir-se tão-somente às questões da fé.

Muito embora na contemporaneidade haja uma penetração no campo social, a Igreja tem sido omissa quanto ao racismo. Emudeceu no passado quando grandes levas de escravos construíram desde os templos mais singelos às suntuosas catedrais ou até mesmo serviram às mesas dos governantes e alto clero e cala-se hoje, endossando a máxima do Brasil como o Éden racial.

Por analogia, todos os negros e *mestiços*, descendentes diretos da herança africana, são o intento da purificação de corpo, alma e espírito apregoado pelo cristianismo já que tal simbologia privilegia a limpeza, a claridade, a brancura e a pureza, contrastando com a podridão, a escuridão, o negrume e a sujeira.

Vê-se aqui, portanto, a cultura como meio desvirtuador do homem. Ao negro e afrodescendente é mister negar a sua origem e abraçar a cultura do dominador numa evidente prova de submissão ao vencedor, meneando a frente ao poder político-religioso e sociocultural daquele que o sobrepuja.

Se o cristianismo teoriza acerca da igualdade entre os homens, liberdade e amor ao próximo, a prática dos líderes religiosos ao longo da história da referida religião distancia-se dos seus postulados. Em certos períodos históricos, o fundamentalismo preponderou, mas de forma errônea. Esse se justificaria se a religião o exercesse propondo fraternidade, livre-arbítrio e respeito mútuo, mas o que se observa é a constante intolerância à diversidade de fé, de opinião e de interesses.

Na contemporaneidade, o Catolicismo vem adotando uma postura mais liberal, mais tolerante e até propagando um pseudodiscurso de sincretismo religioso. Falsa oratória, visto que se entende por sincretismo uma fusão de várias doutrinas. Desse modo, o Candomblé e o Catolicismo seriam um só sistema, o que evidentemente não ocorre. Percebe-se, no entanto, uma adaptação do culto afro à supremacia do ritual católico.

Vilson Caetano Júnior prefere utilizar o termo ‘dissimulação’, no lugar de ‘sincretismo’, já que, para ele

Do ponto de vista conservador da igreja católica, o sincretismo é compreendido como algo pejorativo, negativo e denunciador da falta de legitimidade e originalidade religiosa. Algo que deve ser contraposto às experiências autênticas de fé, como o Cristianismo. (SOUZA JR., 2003, p. 45)

É pelo viés da dissimulação que os elementos da cultura africana e afro-descendente conseguem conviver em meio a protestos de uma sociedade dita justa e sem preconceitos. Pelo olhar camuflado da ignorância, muitos fiéis cristãos ainda propagam ideias perniciosas de salvação e perdição, atribuindo a esta última tudo o que se liga às africanidades. Atitude compartilhada por todos os ramos do cristianismo.

Essa ideologia separatista chega ao sertão nordestino e encontra eco na forte religiosidade do homem sertanejo, que vê na religião a válvula de escape para suportar as agruras de uma região castigada pelo descaso político e pelas intempéries da natureza.

O catolicismo sertanejo é impregnado de elementos extrínsecos à doutrina clássica contida na Bíblia e em outros documentos oficiais da Igreja. Essa religiosidade, em particular, fora permeada de influências indígenas, de práticas espíritas e de elementos do folclore regional. O catolicismo popular exercitado no Nordeste brasileiro também recebera forte influência de uma doutrina que atribui ao negro, a sua cultura e ao seu visual toda a expressão do mal.

O mal cristão é personificado na figura do Diabo. Do latim *diabolus*, vindo do grego δῖαβολος, significa ‘inimigo’, ‘acusador’, é o ser que representa toda a essência do mal, do distanciamento divino e da salvação da alma e corpo humanos. Na Idade Média, a fim de reconquistar os fiéis, a Igreja montou uma caracterização de Satanás que causava terror. Transformou o ser espiritual em um elemento fantasmagórico, com asas de morcego, aparência de bode, possuidor de chifres e forte odor de enxofre:

Na medida em que são criaturas espirituais, capazes, todavia, de se manifestar de maneira corpórea sobre a Terra e, como inimigos de Cristo, apostam na debilidade moral dos cristãos, os demônios da Europa medieval possuem seguramente um poder muito grande. No século X, Ratherius, bispo de Verona, julga necessário relembrar aos seus subordinados que Satã e suas legiões, por mais poderosos que fossem, estavam submissos à autoridade do Deus todo-poderoso. Afirmação que deveria estar perfeitamente evidente, ao menos para ao clero, e, no entanto, é precisamente esse clero que sublinha a todo momento a quase onipotência de Satã. As pregações eclesásticas tendem a destacar cada vez mais o Mal e as suas conseqüências, a bem-aventurança, cedendo lugar progressivamente à danação, sendo o Bom cada vez mais intuído, implícito na dissipação dos terrores do Mal e do Castigo Eterno. (NOGUEIRA, 2002, p. 47-49)

É do medievo que surgem os pressupostos ainda em voga na religiosidade sertaneja. Muitos elementos difundidos naquele período ainda são apregoados entre os religiosos, nos templos, nas romarias, como também nas feiras livres através das múltiplas expressões culturais, dentre estas, o texto de literatura de cordel.

Para Geertz,

[...] os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. (1989, p. 103-104)

Mas tais símbolos não ficam imunes a visões preconceituosas, mesmo que construídas em um tempo tão distante. Desse modo, o cordel brasileiro expressa, em muitas de suas vertentes, uma imagem do negro e do afro-descendente que o descaracterizam, associando-os à representação do mal.

Em *Peleja de Riachão com o Diabo*, de Leandro Gomes de Barros, há o embate do homem com Lúcifer, símbolo da eterna luta entre o bem e o mal. Satanás, no texto popular, é descrito como um negro, o que é visto de forma pejorativa:

Riachão estava cantando  
Na cidade de Açu,  
Quando apareceu um negro  
Da espécie de urubu,  
Tinha a camisa de sola  
E as calças de couro cru.

Beijos grossos e virados  
Como a sola de um chinelo  
Um olho muito encarnado  
O outro muito amarelo  
Esse chamou Riachão  
Para cantar um martelo  
(BARROS, 1973, p.1)

O negro é associado a um urubu pela cor e por ser uma ave de rapina que se alimenta de dejetos. Popularmente, esse animal é caracterizado como a mais feia ave dos céus. O fato de alimentar-se de excrementos atribui-lhe um asco, como o negro que, vindo de África alimentava-se das sobras dos senhorios. As vestes, também ridicularizadas, representam uma feiura associada ao próprio urubu. Seu corpo, visto de maneira deformada, evidencia formas grotescas, aproximando-o de animais ou objetos sem valor.

A associação do negro e do afrodescendente a animais surge de uma necessidade etnocêntrica da raça ariana estabelecer-se enquanto superiora sobre as demais. Para tal, bodes, asnos, burros, morcegos... enfim, a animalização era fator preponderante para retirar o caráter humano das raças que não se encaixavam num perfil determinado. Esse processo de estabelecimento da feiura espaço no século XVII com ares científicos. Segundo Eco (2007):

Um capítulo importante para uma história do feio foi o advento da fisiognomonia, pseudociência que associava traços do rosto (e formato de outros órgãos) a características e disposições morais. [...] Aqueles que têm a testa redonda e alta são estúpidos, por serem parecidos de engenho com o Asno [...] Os lábios grossos indicam parvoíce [...] são considerados ignorantes, pois são assim os lábios do Asno, do Símio. (p. 257-258)

Cesare Lombroso realiza um estudo acerca da relação da fisionomia com a índole e a moral, ratificando os pressupostos anteriores. Contudo, observa-se que essa teoria fisionômica encaixa-se nos pobres, nos excluídos, nos homossexuais, nas prostitutas, nos dementes, nos judeus, nos negros.

O texto de cordel, representativa literatura de uma parcela subalterna da sociedade, não passa incólume às discussões étnicas em voga há algum tempo:

[...] E a questão parece ganhar ainda mais corpo quando se leva em conta a caracterização negativa que o cordel costuma fazer do elemento negro – perversidade, luxúria, brutalidade, satanismo, tendência vingativa, bestialidade, são constantes. (SODRÉ, 1988, p. 189).

No cordel de Leandro Gomes de Barros, a própria condição de escravidão é utilizada como forma de desqualificar o negro, já que este se tornara escravo por sua inferioridade. Aqui, ratificados os pensamentos seiscentistas que justificavam a escravidão negra como uma condição inata ao oriundo da África e ao dele nascido nas colônias europeias:

Riachão disse: eu não canto  
Com negro desconhecido,  
Porque pode ser escravo,  
E anda por aqui fugido  
Isso é dar cauda a nambu  
E entrada a negro enxerido.  
(BARROS, 1973, p. 1)

Além de ser negro, era escravo. Somado o fato da escravidão estava a sua classe de fugitivo. O negro, no cordel, encerrava em si mesmo todas as qualificações para ser rejeitado, oprimido. Como uma questão inata, a falta de liberdade era vista como pertencimento do negro e seus descendentes. Só uma sub-raça deixar-se-ia ser aprisionada num *modo vivendi* de trabalho forçado, desprovido de quaisquer direitos. Contudo, no mesmo cordel, a voz do negro aparece, justificando-se:

Negro - Eu sou livre como o vento  
A minha linhagem é nobre,  
Eu sou um dos mais ilustres  
Que o sol deste mundo cobre  
Nasci dentro da grandeza  
Não saí de raça pobre.  
(BARROS, 1973, p.2)

Inicia-se o martelo, duelo de repentistas, aqui reproduzido no cordel. O duelo é conhecido pela batalha de palavras, de argumentos. Vence aquele que descaracterizar o outro diante da plateia atenta. Esse duelo, em especial, entre Manoel Riachão e o Negro

é o embate entre as forças do bem e do mal. Manoel, ou Emanuel, significa ‘Deus conosco’, ou seja, a personificação de Deus através de seu filho Jesus. O bem é representado pelo homem, que guarda o discurso bíblico em sua mente e o profere diante de todos a fim de vencer o Negro, o Diabo. Este é o outro lado da força, já que é a personificação do mal.

Pontes (1979), ao referir-se ao cordel *Peleja de Riachão com o Diabo*, afirma que

[...] a identificação do Demônio com o negro não é apenas um problema de preconceito racial. O preto sempre esteve associado ao inferior, ao imundo, em suma, ao infernal, como se pode ver tanto na rica simbologia dos alquimistas quanto nos textos em que místicos medievais descreveram suas intermináveis batalhas com o Diabo. Mas aqui, fora de qualquer dúvida, há uma íntima associação desse elemento tradicional com o problema da escravidão. (p. 24)

Todavia, parece que as duas assertivas bifurcam para o mesmo sentido, elas estão interligadas numa relação onde não se distinguem preconceito e escravidão. Ao bifurcarem-se, tais elementos fundem-se num só na sociedade brasileira, quando fica difícil distinguir quando um inicia e o outro se finda. Situação referendada, muitas vezes, pela religião.

Em toda a peleja, Riachão apresenta os heróis bíblicos como modelo de força e poder. É assim com Josué e Salomão, cujos feitos são rememorados. Fatos que são contestados pelo Negro, que ressalta sua hegemonia:

R - Você não é Josué  
Que mandou o sol parar  
E esse parou três dias  
Para a guerra se acabar  
Nem Moisés que com a vara  
Fez o mar também secar.

N - Faço tudo que eu quiser  
Minha força não tem limite  
Os feitos por mim obrados  
Não vejo homem que imite  
Eu determino uma coisa  
Não há força que a evite!

R - Salomão também fazia  
O que queria fazer  
Por meio de mágica ou química  
Quis segunda vez nascer

Mas em vez do nascimento  
Conseguiu ele morrer.  
(BARROS, 1973, p.3)

No discurso da luta entre o bem e o mal, o cristianismo apregoa a superioridade divina sobre as hostes malignas. Para isso, desqualifica todo discurso divergente. Desse modo, os jogos de poder são tensionados a fim do estabelecimento de uma ideologia vigente ou a manutenção dela. Nesse embate, entram em cena desqualificações morais, físicas, políticas, religiosas. Se o negro representa uma ameaça à doutrina cristã com sua religiosidade, seus hábitos, sua fé, é preciso dominá-lo.

A inferioridade negra foi utilizada como desculpa para todo tipo de violência. Sua tez, seus traços físicos são argumentos contra o próprio negro que se vê aliado de uma estética da beleza criada para deixar o negro e o afrodescendente fora do contexto, longe do eixo de um conceito de belo que é excludente.

Nesse sentido, o belo é sinônimo de inteligência, perspicácia, sabedoria. Desse modo, o negro, por não ser belo, segundo padrões estabelecidos, também não seria detentor dessas outras qualidades. Fato esse contestado pelo Negro no cordel:

N - Sou professor de matérias  
Que sábio não as conhece;  
A lei que dito no mundo,  
O próprio rei obedece  
Meus feitos são conhecidos,  
A fama se estende e cresce.  
(BARROS, 1973, p. 5)

Ao dar aula de geografia, de astronomia e de química, o Negro, no cordel de Leandro Gomes de Barros, tenta quebrar essa ideia preconceituosa contra si, mas é trepificado logo a seguir ao ter sua Inteligência associada a Lúcifer. Mais um argumento para justificar a inferioridade negra.

Riachão disse consigo:  
- Esse negro é um danado!  
Esse saiu do Inferno,  
Pelo Demônio mandado,  
E para enganar-me veio  
Em um negro transformado!  
(BARROS, 1973, p.7)



Não é possível ao negro ser sábio. Aí o discurso do cordel fica evidenciado: o Negro é Satanás, ou algum demônio a mandado deste a fim de derrotar o ser humano, o suprasumo da criação de Deus. O Negro-Diabo, então, tem subjugado muitos na terra, inclusive a própria família de Riachão. Ao revelar sua verdadeira identidade, dá-se início à tentação do homem pelo Diabo, episódio que lembra a passagem bíblica da tentação de Cristo no deserto.

Riachão disse consigo:  
- De onde veio esse ente,  
Que de toda minha vida  
Conhece perfeitamente?  
Este, será que é o Diabo  
Que está figurado em gente?  
(BARROS, 1973, p.13)

Agora, desmascarado, o Diabo procura convencer Manoel a ficar ao seu lado, reconhecer seu poderio e ser seu servo. Assim como a tentação de Cristo, quando o Diabo apresentou-lhe três opções a fim de almejar sujeição, a saber, a saciedade física, a saciedade econômica e a saciedade do ego; no cordel, o Negro-Diabo oferece a Manoel proteção, riqueza e poder.

Alegoricamente, Leandro Gomes de Barros utiliza-se do cordel a fim de apregoar o discurso cristão. A conformação com a pobreza e com a miséria é defendida em prol de uma vida eterna prometida pela religião. Confrontando uma prosperidade terrena prometida pelo Diabo com a recompensa divina no pós-morte, há uma resignação por parte do sertanejo, quando sua religiosidade é usada para dar-lhe conformidade diante da problemática que o aflige:

N - Arre lá! Lhe disse o Negro.  
Você é caso sem jeito!  
Eu com tanta paciência,  
Estou lhe ensinando direito  
Você vê que está errado,  
Faz que não vê o defeito!

R - É muito feliz o homem  
Que com tudo se consola!  
posso morrer na pobreza,  
Me achar pedindo esmola  
Deus me dá para passar  
Ciência e esta viola!  
(BARROS, 1973, p. 15)

Na religiosidade popular do Nordeste, há uma figura mítica capaz de vencer Lúcifer. Desde o medievo, quando a figura maligna ganha espaço, dualizando com Deus, é a presença de Maria que completa a tríade escolástica. É Nossa Senhora, a Compadecida, quem exerce papel fundamental na realização da fé sertaneja. É para ela que o homem do sertão faz suas preces, como mediadora entre os homens e a divindade. Nossa Senhora é a porção humana nos céus. Daí a proximidade entre ela e os homens. Maria é mãe, por isso os sertanejos a procuram, para serem atendidos como filhos. Por isso tudo, Maria é amada pelos sertanejos, respeitada pelo panteão divino da cristandade e temida pelo Diabo e seus demônios:

O negro olhou Riachão  
Com os olhos de cão danado,  
Riachão gritou: - Jêsus,  
Homem Deus Sacramentado!  
Valha-me a Virgem Maria,  
A Mãe do Verbo Encarnado!

O negro, soltando um grito,  
Dali desapareceu.  
De uma catinga de enxofre  
A casa toda se encheu,  
Os cães uivaram na rua,  
O chão da casa tremeu.  
(BARROS, 1973, p. 15-16)

Só Maria é capaz de afugentar as hostes malignas, representadas pelo Negro e tudo de pejorativo que ele simboliza: a inferioridade, o egoísmo, a fraqueza, a animália. Pela pregação religiosa, através da associação do negro e do afrodescendente com Satanás, a discriminação e o preconceito são justificados pelo viés do discurso religioso, de certa forma e para um grande grupo, inquestionável.

A literatura popular espelha as ideologias disseminadas na/pela sociedade. O texto de cordel *Peleja de Riachão com o Diabo* evidencia séculos de alocações acerca do negro, de forma a diminuí-lo, sobrepujá-lo. Ao atrelar o pensamento científico ao religioso, há uma perceptível tentativa de minar a resistência pela igualdade de todas as etnias e pelas reparações advindas pelos aviltamentos, pela escravidão e pelas mortes causadas aos negros escravizados em África e retirados de sua casa, a fim de serem trabalhadores forçados, sem salário, sem vantagens, não detentores de sua própria vida.

Tal discurso hegemônico ainda prolifera em espaços acadêmicos, mas também nas praças, nos passeios, por entre os bares, diluídos numa linguagem popular,

espalhados pela sociedade como um tumor que precisa ser tratado. A visão pejorativa sobre o negro precisa ser questionada, revista.

Em *Os nomes que o Diabo tem*, de Carlinhos Cordel, há uma alusão a todos os nomes pelos quais Satanás é conhecido e chamado no sertão nordestino. Dentre esses nomes, registram-se aqueles que fazem referência, de algum modo, ao negro:

O Demônio, Rei das Trevas  
É um ser muito aquém  
No Brasil tem vários nomes  
E pra você ir além  
Este cordel vai narrar  
Os nomes que Diabo tem.  
[...]  
**Beijudo**, Besta Fubana,  
**Bicho-Preto**, O Difamado,  
Cão-Miúdo, Cão-tinhoso,  
Cafuçu ou Atentado,  
Pode ser também Canheta  
Ou então Indesejado.  
(CORDEL, 2010, p. 1-2, grifos nossos)

Além desses, há “Pastor negro”, “Tição”, “Bode-Preto”, “Sujo”, “Gato-Preto”, “Pé-Preto” e “Encardido”, registrados pela caneta do cordelista. Como recorrente no texto popular, o cordel encerra-se com um viés religioso moralizante, orientando o leitor/ouvinte a distanciar-se do Mal:

Se você se assustou  
Com os nomes do Capeta  
Não procure esse mal  
Não seja um picareta  
Reze, ore pra JESUS  
Ele te livra da besta.  
(CORDEL, 2010, p.8)

Imbuído de uma religiosidade muito forte, de cunho oral e, por isso, repassados às famílias de geração a geração, visto que “Há uma apreensão da Bíblia no catolicismo popular tradicional brasileiro que é fundamentalmente comunitária e oral, apesar de se tratar de um texto escrito.” (STEIL, 1996, p. 151).

Percebe-se, nas entrelinhas dessas pregações, uma visão que referenda o preconceito pela linguagem religiosa, pelo pensamento cristão. Visão também perceptível no cordel *O exemplo da moça que casou com o Capeta*, de João Firmino Cabral.

No enredo desse cordel, a lição de moral advém desde a primeira sextilha, quando se chama atenção para o perigo da desobediência. Assim, Celina, a protagonista dessa história com fundo moral, é evidenciada como aquela que desobedeceu aos pais e à religião; por isso sofrera duras consequências.

Na história, a personagem tinha forte predileção por festa, por farra. Como contraponto à Celina, malcriada e desrespeitosa, tem-se a sua mãe, Sofia, pura e religiosa. O nome Sofia já simboliza sabedoria, que só possui aquele ou aquela que seguem os preceitos cristãos. Já Celina, despreza a religião:

Não preciso de conselho,  
Guarde sua porcaria.  
Meu Deus é um bom **pagode**  
Com muita farra e orgia!  
Se conselho fosse bom  
Não se dava, se vendia!  
[...]  
Hoje já me decidi:  
Vou procurar um rapaz,  
Que dê certinho comigo  
No forró de Zé Moraes,  
Não faço questão que ele  
Seja o próprio Satanás!  
(CABRAL, 2011, p. 03, grifo nosso)

No cordel, a inclinação a festas e prazeres carnavais é vista como uma afronta ao divino. Ressalta-se, então, o caráter sofredor do pensamento cristão, difundido pela Igreja enquanto meio purgador dos pecados humanos. Nesse momento, o cordelista traça o perfil cultural que personifica o mal, a saber, a festa, manifestação atribuída a povos primitivos, o que inclui negros e afrodescendentes. As contribuições negras à cultura brasileira são classificadas enquanto demérito, que desvirtuam os bons costumes e propiciam a degenerescência do Brasil. É no ambiente onde prevalecem tais manifestações que Celina deseja encontrar-se:

Ela entrou toda feliz  
Viu muita gente dançando  
Num canto estava um **moreno**  
Em um charuto fumando  
Com dois brincos nas orelhas  
Aos casais observando.  
(CABRAL, 2011, p. 5, grifo nosso)

Aí, como recorrente no cordel, a associação da figura do Diabo à do afrodescendente. A mudança em relação ao cordel de Leandro Gome de Barros é que aqui, no texto de João Firmino Cabral, já não é mais somente o negro o personagem associado ao Maligno, mas o fruto da miscigenação. Já é o moreno, o afrodescendente, que integra a imagem diabólica. Como uma herança maldita trazida em sua genealogia, não existe escapatória para a descendência negra, essa colherá os frutos amargos do preconceito e da discriminação.

A descrição da imagem do ‘moreno’ Garibaldo (para os íntimos, Garrido) é aproximada do malandro, figura que vive a festejar, beber demasiadamente, dar golpes e seduzir as mulheres. Os brincos e o charuto fazem dele um ser fora do comum, numa imagem que o destaca e causa repulsa para uma sociedade sertaneja muito tradicional.

Depois da bebida, o Moreno transforma-se no Diabo e leva Celina para seu reino. Crescem-lhe chifres, as orelhas e a barbicha assemelham-se às de bode, os olhos viram brasas e seu cavalo, ‘preto como a pedra de carvão’, fora nomeado de Diabo. Metaforicamente, é possível ler a representação do equino com a forma como os negros eram vendidos e qualificados no período colonial e do Império no Brasil, pelos dentes, como cavalos. Mais uma vez, o negro e seus descendentes são animalizados, herança do período da escravidão que insiste em não deixar de existir.

Ao chegar ao Inferno e conhecer o local em que moraria para a eternidade, Celina arrepende-se. Vê que todos os habitantes infernais são feios, como Garrido, cujo nome soa como uma ironia a sua verdadeira aparência. Nesse instante, a lição de moral, esboçada na primeira sextilha do cordel, é retomada. A personagem, através da sua experiência, arrepende-se de seus atos, é, pois, resgatada pela oração dos pais e mediante perdão de Jesus:

**Foi imensa a alegria  
Imagine o bom leitor  
Radiante está Celina  
Meditando em seu labor  
Igual a um passarinho  
No aconchego do ninho  
Obediente ao Senhor.  
(CABRAL, 2011, p. 16)**

Celina retorna a casa e inicia uma vida de mulher virtuosa, segundo os preceitos bíblicos, o que significa distanciar-se das festas, da luxúria e da presença do moreno, símbolo do Diabo, logo, do mal, mas também da vida que pulsa em toda sua

efervescência. O Moreno é a síntese do homem e seus desejos. Celina abandona o seu lado humano para viver abnegada uma porção espiritual em prol da recompensa divina em outra instância.

Assim, na luta maniqueísta entre o bem e o mal, o negro ainda paga um preço alto. Continua a ser culpado por tantos séculos de escravização e humilhação. Permanece a ser visto como um ser inferiorizado, animalizado, ignorante. A sua aparência mantém uma aura, para muitos, de bestas-feras. Tudo isso para justificar um sistema desigual que avilta cada vez mais o negro e o afrodescendente, que esconde a face do preconceito sob a capa de um paraíso racial, tentativa de minar as lutas e retomar conquistas já alcançadas. Por esse prisma, a literatura tem sido um meio utilizado para disseminar ou manter esse *status quo* vigente, mas que não dá conta da heterogeneidade que é o negro e seus descendentes, nem da pluralidade cultural que é o Brasil.

Ao observar um pequeno universo do texto de cordel, é preciso advertir que muitas práticas percebidas fazem parte de um imaginário coletivo, construído ao longo de anos. Se o muro da desigualdade e do desrespeito já pareceu intransponível, na contemporaneidade, depois de precursores na literatura, no teatro, na filosofia, no direito, na medicina e em tantos outros campos do saber, já ficou público e notório que essa não é uma luta solitária, tampouco vã. Que venham pás, marretas, enxadas, mãos, livros, ideias, sentimentos na destruição desse paredão que ainda envergonha a humanidade no século XXI, e que todos esses e mais instrumentos sejam utilizados na reconstrução de avenidas largas, de trânsito livre para todos, sem distinção.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Leandro Gomes de. *Peleja de Riachão com o Diabo*. Juazeiro do Norte-CE: Tipografia São Francisco, 1973.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. revista e corrigida. Rio de Janeiro: Clevan.

CABRAL, João Firmino. *O exemplo da moça que casou com o Capeta*. Fortaleza: Tupynanquim, 2011.

CORDEL, Carlinhos. *Os nomes que o Diabo tem*. Disponível em: [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br). Acesso em 20.09.2011, às 14h.

ECO, Umberto. (Org.) *História da feiúra*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no imaginário cristão*. 2. ed. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

PONTES, Mário. *Doce como o Diabo: demônio, utopia e liberdade na poesia de cordel nordestina*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

SILVA, Francisco de Assis (1992) *História do Brasil: Colônia, Império, República*. São Paulo: Moderna.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SOUZA JR., Vilson Caetano de. *Orixás, santos e festas: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador*. Salvador-BA: UNEB, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.